

CO035

A PERCEPÇÃO DOS VISITANTES DOS ZOOLOGICOS DE SANTA CATARINA SOBRE A TEMÁTICA AMBIENTAL

MARIA HELOÍSA B. C. FURTADO^{1,2}, JOAQUIM OLINTO BRANCO¹

(1) Mestrado Educação/UNIVALI, Rua Uruguai 458, Itajaí, SC, 88302-202, Brasil; (2) Biosphera Empreendimentos Ambientais.
biospher@terra.com.br

RESUMO

Os zoológicos são locais de potencial educativo, onde o animal é o tema gerador de assuntos ligados a preservação ambiental. Aproveitando a grande visitação e os sentimentos de empatia e curiosidade, estas instituições podem desempenhar papel importante na educação não formal de seu público. Objetivando reconhecer as percepções sobre a temática ambiental dos visitantes dos Zoológicos Cyro Gevaerd-Santur, Fundação Hermann Weege, Parque ecológico e zoobotânico de Brusque e Parque Beto Carrero World, foram analisados 1690 questionários. Quanto à percepção, existe um envolvimento com as questões ambientais e uma visão positiva perante os zoológicos. Os visitantes procuram um momento de lazer com a família junto à natureza (45%). Apenas no zoológico Cyro Gevaerd 60% visitam para aprender sobre a fauna, reflexo do projeto educativo da instituição. Para os visitantes, zoológicos são locais para o desenvolvimento de EA (94%) e devem priorizar o bem estar do animal (24,4%) e os programas educativos (20%), além de preocupar-se com a conservação de espécies ameaçadas de extinção (44,1%). Em geral, os animais preferidos são da fauna exótica, porém quanto aos ameaçados de extinção, existe uma preocupação pelos brasileiros, principalmente o mico-leão-dourado. Os participantes compreendem que as extinções influenciam a qualidade de vida e reconhecem a destruição do habitat (43,0%) como maior causa.

Palavras-Chave: percepção ambiental, zoológicos, visitantes

INTRODUÇÃO

O período em que o planeta encontra-se é marcado por profundas transformações que desencadeiam desequilíbrios ambientais, afetando a qualidade das águas, do ar, alterando o clima mundial, sendo responsáveis pela redução dos habitats, conseqüentemente alterando a diversidade biológica e a qualidade de vida da população mundial (PRIMACK & RODRIGUES, 2001; WILSON, 2002). Porém, estas perturbações no equilíbrio ambiental se constituem como apenas mais um dos problemas que o ser humano acostumou-se a ver nos noticiários e passou a assimilar como se fizesse parte da “normalidade”. O contato com áreas preservadas e o acesso aos recursos naturais básicos que disponham da qualidade mínima para a sobrevivência, tornou-se distante da maioria dos indivíduos. Para o reverso desta situação é essencial que a população mundial possa perceber mais do que o lado romântico das idéias preservacionistas, compreendendo como as perturbações ambientais podem atingir na prática, cada indivíduo e suas gerações (PRIMACK & RODRIGUES, 2001). É neste sentido que a educação ambiental surge como uma das tentativas de recuperar a saúde global. A educação, como premissa básica para construção de um mundo sustentável onde os valores e as atitudes estejam condizentes com a ética ambiental, torna-se o eixo norteador das diversas relações que a humanidade estabelece com seu próprio habitat. Nesse trabalho, a educação é tratada como um processo contínuo estando presente em todos os lugares e momentos na vida de um indivíduo, podendo ocorrer de forma espontânea ou de acordo com o desejo do mesmo. Como questão ambiental entende-se o conjunto de temáticas relativas não só a proteção da vida no planeta, mas também a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das comunidades (BRASIL, 1998). As percepções que os visitantes possuem sobre as questões ambientais podem subsidiar a prática pedagógica a ser adotada pelos zoológicos, pelos educadores e estudantes que as procuram, além disto pode servir como um termômetro do nível de envolvimento da comunidade com as questões ambientais. Desta forma, este trabalho objetiva identificar as percepções dos visitantes dos zoológicos de Santa Catarina sobre os diferentes aspectos da temática ambiental.

MATERIAIS DE MÉTODOS

Durante o período setembro de 2000 a maio de 2001, foram aplicados 2126 questionários nos visitantes de finais de semanas e feriados nos Zoológicos Cyro Gevaerd-Santur (Balneário Camboriú), Fundação Hermann Weege (Pomerode), Parque Ecológico e Zoobotânico (Brusque) e Parque Beto Carrero World (Penha). Os participantes foram escolhidos ao acaso, tendo como critério, idade igual ou superior a doze anos. De acordo com a amostragem probabilística para populações infinitas, em cada zoológico foram analisados uma amostra mínima de 400 questionários, resultando em 1600 indivíduos, assegurando um nível de confiabilidade de 95% (LABES, 1998).

Dos 2126 questionários aplicados, apenas 1690 continham as respostas devidamente preenchidas. Sendo 452 no Parque Beto Carrero (BC), 423 no Zoológico Cyro Gevaerd (CG), 409 no zoológico de Pomerode (PO) e 406 no zoobotânico de Brusque (BR).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns dos mais importantes avanços da história dos zoológicos é o motivo pelo qual o público procura estas instituições. Em tempos passados ir ao zoológico significava assistir a espetáculos de horror onde animais estavam confinados em jaulas desapropriadas e em alguns lugares dividiam a atenção do público com aberrações humanas (MORRIS, 1990). Havia pouco interesse sobre o conhecimento da ecologia e o comportamento natural das espécies.

A grande quantidade de informações sobre a vida animal transmitida principalmente pelos documentários televisivos tornou os visitantes de zoológicos mais sensíveis e preocupados em conhecer e apreciar a vida animal (MORRIS, 1990).

Na atualidade, não parece ser a sensação de superioridade existente no passado que move as pessoas a visitar os zoológicos. Em muitos casos é nestas instituições que os moradores de grandes centros têm um contato com a natureza. MEYER (1988) destaca uma relação estabelecida entre o zoológico e a busca por qualidade de vida.

Neste estudo, a mesma necessidade do contato com a natureza move os visitantes a procurar estas instituições. No computo geral dos quatro zoológicos pesquisados, 45% dos visitantes está à procura de um momento agradável de diversão e lazer junto à natureza. O interesse em conhecer os animais é o motivo secundário com 36% das respostas, 14% vêm ao zoológico para trazer os filhos e 4,7% dos visitantes têm motivos diferenciados entre eles: trabalho interno dentro de restaurantes ou lojas e acompanhar as excursões (Fig. 1). Os zoológicos são reconhecidamente locais para momentos de descontração e tranquilidade. É importante salientar que no CG, houve um número elevado de visitantes (60%), que buscam o zoológico para aprender um pouco mais sobre os animais e apenas 23,2% estão à EA desenvolvidos nos zoológicos. O Parque CG é a única instituição que possui um programa de educação efetivo, o que parece atrair um número maior de interessados em unir o momento de lazer ao aprendizado, aproveitando o zoológico em toda sua potencialidade.

A despeito do claro aproveitamento por parte dos visitantes de zoológicos como local para entretenimento, não é este o aproveitamento que o público em geral espera da instituição. A preocupação dos visitantes e das instituições com a saúde e qualidade de vida do seu plantel, não permite mais que os zoológicos privilegiem apenas o desejo do visitante de observar de maneira mais fácil e segura o animal selvagem. Aos poucos, os zoológicos modernos estão substituindo as jaulas pequenas de piso cimentado e higienização excessiva por recintos que estimulem a adaptação. O público que agora conhece, através dos documentários e filmes um pouco mais da realidade que ocorre no habitat natural, deseja mais do que animais entediados (MORRIS, 1990).

O desejo dos visitantes de Santa Catarina reflete uma tendência mundial, onde o zoológico ideal deve possuir animais adaptados ao ambiente (24,4%), além disto às instituições devem aproveitar seu espaço para desenvolver programas educativos (20%) e também manter espécies ameaçadas de extinção (19,6%) (Fig. 2).

Esta tendência em priorizar o bem estar do animal é refletida, também na razão pelo qual os zoológicos devem existir. MORRIS (1990) associa o sucesso da exposição em cativeiro no passado, em função do isolamento da vida selvagem criado com o aparecimento das grandes cidades. Com o passar dos anos, a melhoria das instalações e a evolução da consciência ambiental do público e das instituições permitiram a criação de programas de preservação de espécies ameaçadas e o desenvolvimento de programas educativos. Esta é também, uma das preocupações dos visitantes de Santa Catarina. Apesar dos zoológicos serem procurados para momentos de descontração, o público espera que as instituições tenham como objetivo a conservação de espécies ameaçadas de extinção (44,1%) e com o desenvolvimento de programas de EA (26,6%) (Fig. 3).

Reforçando está idéia da utilização do espaço das instituições para desenvolvimento de programas educativos, 94,0% dos visitantes concordam que os zoológicos são locais apropriados para EA (Fig. 4).

Diante desta visão positiva dos visitantes é possível perceber que o zoológico deixou de ser o local de aprisionamento dos animais para desempenhar um importante papel na preservação da diversidade biológica do planeta. De fato, a melhor estratégia para a proteção das espécies é a preservação das comunidades em seu ambiente natural, ou preservação "in situ" (PRIMACK & RODRIGUES, 2001). Porém, em alguns casos é inevitável a manutenção de indivíduos em cativeiro, sob condições artificiais para evitar a extinção. Os esforços dos jardins

zoológicos e de organizações de conservação têm se concentrado na busca de amenizar as limitações óbvias do cativo, construindo instalações e desenvolvendo tecnologias necessárias para estabelecer colônias de criação de espécies raras e principalmente ameaçadas. Porém um dos mais importantes papéis da manutenção em cativeiro quando existe visita pública é envolver a comunidade nos esforços pela preservação. Reintroduzir uma espécie numa área requer o envolvimento e a mudança dos hábitos locais para que a comunidade compreenda a importância da manutenção da espécie e do seu habitat.

Sendo assim, a EA novamente torna-se uma ferramenta que deve atuar de forma integrada com as demais áreas de conhecimento pela conservação do planeta. Um reflexo positivo dos esforços na preservação de espécies ocorreu com o mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) (MERGULHÃO, 1998). Num trabalho conjunto da reserva biológica do Poço das Antas (RJ) e o zoológico de Washington (EUA) a espécie endêmica do Estado do Rio de Janeiro foi reintroduzida na área natural após terem procriado em cativeiro garantindo a manutenção da variabilidade EA envolvido na preservação desta espécie transformou o animal num símbolo nacional.

A disseminação deste trabalho educativo foi demonstrado pelos visitantes dos zoológicos pesquisados. Quando questionados se conheciam algum animal ameaçado de extinção, o mico-leão-dourado foi o mais citado nos zoológicos. Resultados semelhantes foram obtidos por DOUGLAS & FIGUEIREDO (1999) no Zoológico de São Paulo.

Esta valorização dos animais brasileiros só ocorreu nas espécies ameaçadas de extinção. Quando solicitados a citar o nome de três animais silvestres, inevitavelmente a grande maioria lembra da fauna silvestre exótica. A figura 5 demonstra quantas vezes foram citados animais brasileiros.

No zoológico BC 54,6% não citam animais brasileiros, fato que pode estar relacionado com o reduzido número destes no plantel e o destaque dado pela própria instituição aos animais silvestres exóticos. Nas demais instituições foi menor com 26,3% em BR 33,9% em PO e 25,5% em CG. A maior ocorrência de animais da fauna brasileira foi registrado em Brusque com 13,3% (Fig. 6). Esta tendência manteve-se quando os visitantes indicaram o animal que mais gostaram nos distintos zoológicos.

Esta preferência por animais silvestres exóticos pode ser fruto, principalmente da influência dos meios de comunicação, através dos documentários da vida animal. As produções brasileiras são muito recentes e a maioria dos documentários retratam os hábitos de animais, em geral, da megafauna do continente africano. Outros fatores que podem ter contribuído foram os livros didáticos e a literatura infantil principalmente, até o início da década de noventa. A fauna silvestre brasileira era esquecida e muito comumente, as crianças aprendiam e passavam a gostar mais dos leões do que das onças (AURICCHIO, 1999).

Valorizar a fauna brasileira é, além de tudo, criar uma identidade com o país. Segundo AURICCHIO (1999), 82% dos animais em exposição nos zoológicos brasileiros são nativos, o que auxilia na sua divulgação. Quanto mais regionalizado esta valorização se torna, mais próximos da comunidade à fauna estará. Desta forma, a população pode perceber, buscar e valorizar a beleza de ver os animais em liberdade nas áreas preservadas em seu entorno.

GORAYEB (1994) sugere que o tratamento dado aos animais depende do grau de importância que diretamente tem para o ser humano. Aqueles que não se relacionam diretamente e que não se têm informações sobre as relações com o ser humano, não são respeitadas. Na verdade, a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam ser subordinadas aos seus desejos e necessidades (THOMAS, 1988). Com o avanço nas pesquisas, espera-se que a população perceba que as espécies devem ser preservadas porque são o resultado de um processo evolutivo e que cada ser vivo desempenha um papel primordial para a sobrevivência e equilíbrio do ser humano e da biosfera.

Segundo PRADA (1997) este paradigma antropocêntrico está levando a destruição do planeta a passos rápidos; na ânsia da vantagem em tudo, o ser humano esquece de acordar para a evidência de que os animais e as plantas poderão muito bem viver sem ele, não sendo o inverso verdadeiro. Os avanços nos estudos de ecologia e os ideais conservacionistas foram fatores que desencadearam algumas mudanças neste relacionamento e o ser humano passou a perceber as conseqüências de seus atos.

Neste estudo, 85% dos visitantes compreendem que a extinção de uma espécie é capaz de influenciar direta ou indiretamente sua vida (Fig. 6). É importante compreender que a extinção não vem ocorrendo apenas como um fato decorrente da evolução, mas tem sido resultado da ação destruidora da espécie humana. Esta compreensão da totalidade e nas inter-relações demonstra uma disseminação dos conhecimentos científicos e das idéias preservacionistas. Uma mudança na compreensão do papel do ser humano no seu habitat, como uma espécie que influencia e que é influenciada, deve ser endossado, principalmente pelas instituições formais de ensino.

Os estudos em etnoecologia buscam resgatar nas populações mais “primitivas” exemplos dos pensamentos, sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes (MARQUES, 2001).

Evolutivamente, a extinção de espécies é um evento natural, porém 99% das que ocorrem na atualidade, são atribuídas às atividades humanas (RAUP & STANLEY, 1978 *apud* PRIMACK & RODRIGUES, 2001). Esta atribuição denuncia o mau uso dos recursos naturais, por isto, deve ser utilizado como um argumento para responsabilizar cada cidadão. Quando a população já pode identificar as causas da extinção, percebe-se um maior envolvimento nas questões ambientais. Neste caso, 43% dos visitantes, dos quatro zoológicos, atribuíram as extinções

à destruição do habitat (Fig.7). Este fator é considerado a maior ameaça para a biodiversidade que sofre uma redução brusca, principalmente pelo aumento da população humana (PRIMACK & RODRIGUES, 2001.; MORRIS, 1990; WILSON, 2002)

As caçadas citadas por 29% dos visitantes também, possuem uma enorme parcela de culpa em detrimento da forma injusta como ocorrem atualmente. Em geral, as caçadas atuam como uma seleção negativa, privilegiando os mais fracos que são desprezados pelos caçadores. MORRIS (1990.) defende a importância que a caça teve para a evolução da espécie humana. Segundo este autor, o homem evoluiu como caçador e a falta de garras e caninos afiados foi substituído por uma astúcia para derrotar a presa. Daí surge o uso de sua característica mais marcante, o cérebro superdimensionado. Porém, as caçadas para sobreviver transformaram-se em caça por esporte, capaz de gerar altas cifras e extinguir populações (MORRIS 1990). Esta crença sanguinária de que é justo matar por prazer, já não é mais cabível em uma sociedade nos padrões atuais. Incentivar as caçadas, é aumentar o instinto mais cruel da espécie humana, a capacidade de matar apenas por prazer, pela condição de subjugar um outro ser vivo.

A poluição citada por 13% dos visitantes, está diretamente relacionada à destruição dos habitats, porém ocorre de forma mais sutil (Fig. 7). Sua compreensão só trará benefícios, quando cada cidadão souber o quanto é capaz de poluir e de como pode evitar. A ação de pesticidas, gases liberados pelos automóveis, industrial, lixo doméstico não reciclado, a má utilização da água, entre outros fatores, são atitudes diárias para a maioria da população que não percebe o prejuízo de sua rotina para o meio ambiente e para a saúde humana.

As ações de instituições organizadas são fundamentais, pois só elas podem legislar, coagir, multar e reprimir ações de degradação do meio, contudo a ação individual é o primeiro passo e ela só ocorre quando o cidadão aprende, compreende e interioriza a magnitude de seus atos. Para que isto ocorra, novamente o ensino formal surge como o alicerce que vai fundamentar as novas gerações com conceitos e exemplos, para que os erros do passado, cometidos por um despertar tão tardio, não se repitam.

Com base nas percepções ambientais dos visitantes dos zoológicos pode-se inferir que existe uma visão positiva dos visitantes perante os zoológicos o que segue uma tendência mundial de torná-los locais apropriados para o lazer com a família junto à natureza e onde o bem estar animal deve ser prioridade. Segundo os participantes da pesquisa, os zoológicos devem existir para a conservação de espécies e para o desenvolvimento de programas educativos que complementem o ensino formal, substituindo a imagem de locais de aprisionamento para desfrute dos espectadores.

Os visitantes demonstram um maior envolvimento com as questões ambientais, principalmente quanto ao reconhecimento das causas e conseqüências da extinção. Os animais brasileiros mais lembrados pelos visitantes são os ameaçados de extinção que possuem o apelo da mídia, como o mico-leão-dourado e a arara-azul. Existe um “déficit” na divulgação da fauna brasileira, visto o grande interesse demonstrado pelos visitantes nos animais exóticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho situa-se como uma pesquisa básica onde seus resultados demonstram a predisposição do público em envolver-se com a temática ambiental.

Pode-se então, sugerir aos zoológicos, uma atenção maior no desenvolvimento de projetos sistematizados de EA que envolva as escolas e os grupos familiares que freqüentam as instituições em fins de semana.

Parece importante ressaltar aos educadores do ensino formal, a parceria de sucesso que pode ser estabelecida entre a escola e o zoológico. Se, a visita é orientada para o aproveitamento do zoológico como espaço educativo ele torna-se um instrumento de ensino interativo e emocionante, que pode marcar de forma positiva a vida do estudante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURICCHIO, Ana Lúcia. Potencial da Educação Ambiental nos Zoológicos Brasileiros. São Paulo: Publicações avulsas do Inst. Pau Bras. Hist. Nat., 1999. n. 1. p.1-48.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos- apresentação dos temas transversais. Brasília, MEC, 1998.
- DOUGLAS Lamberti ; FIGUEIREDO, Luiz Afonso Vaz de. Os bichos preferidos: representações e mitos sobre os animais da preferência do público visitante do zoológico de São Paulo.In.: 51ª Reunião Anual da SBPC, 1999, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC- RS, 1999, p.19.
- GORAYEB, Inocêncio de Souza. Riqueza e exploração da fauna. In Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental. Temas Básicos. IBAMA Brasília. p. 229-257, 1994.
- LABES, Emersom Moisés. Questionário: do planejamento à aplicação na pesquisa. Chapecó: Grifos, 1998. 116p.
- MARQUES, José Geraldo. Pescando pescadores. Ciência e etnoecologia em uma perspectiva ecológica- 2º ed. São Paulo. USP, 2001.
-

- MERGULHÃO, Maria Cornélia. Zoológico: uma sala de aula viva. São Paulo: Universidade de São Paulo 1998.144p. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, 1998.
- MEYER, Mônica de Azevedo. Que bicho que deu. Pesquisa de educação ambiental no Jardim Zoológico de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1988.
- MORRIS, Desmond. O contrato animal. Editora Record. Rio de Janeiro. 1990.
- PRADA, Irvênia. A alma dos animais. Editora Mantigueira. Campos do Jordão, São Paulo, 1997.
- PRIMACK; Richard B.; RODRIGUES, Efraim. Biológica da conservação. Londrina. Midiograf, 2001
- RIBEIRO, Berta G. (org.) Suma etnológica brasileira. Belém. Editora Universitária, 1997.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1550-1800). Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1988.
- WILSON, Edward Osborne. O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

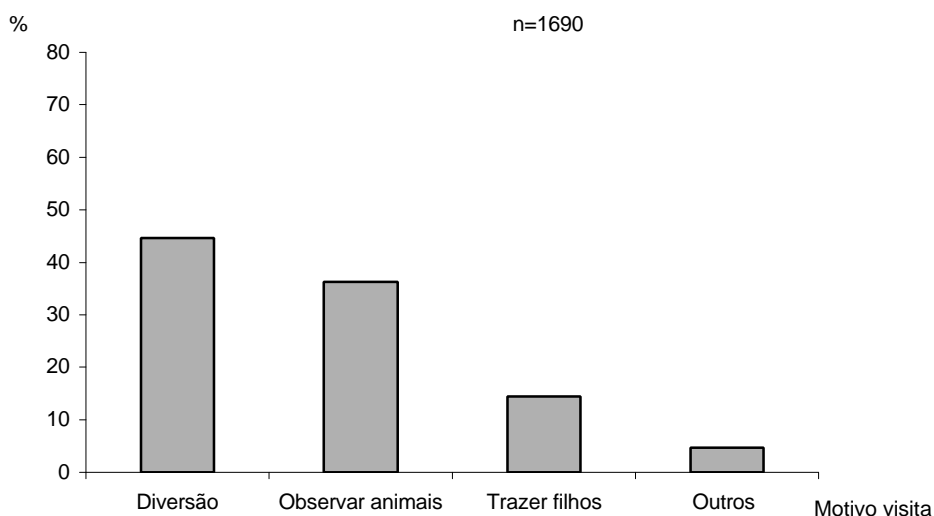


Figura 1. Qual a razão que leva as pessoas a procurarem os zoológicos BC, BR, CG e PO.

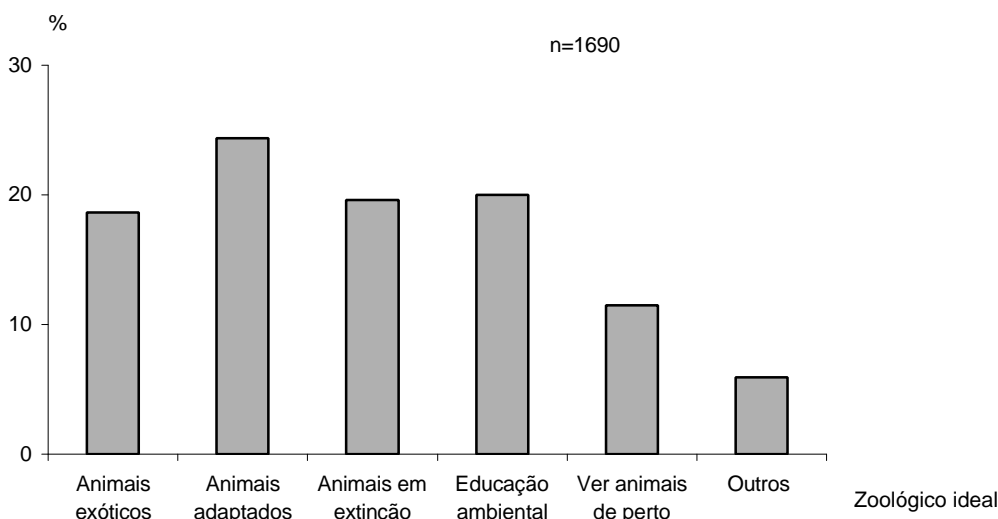


Figura 2. Como seria o zoológico ideal para os visitantes, dados agrupados das instituições.

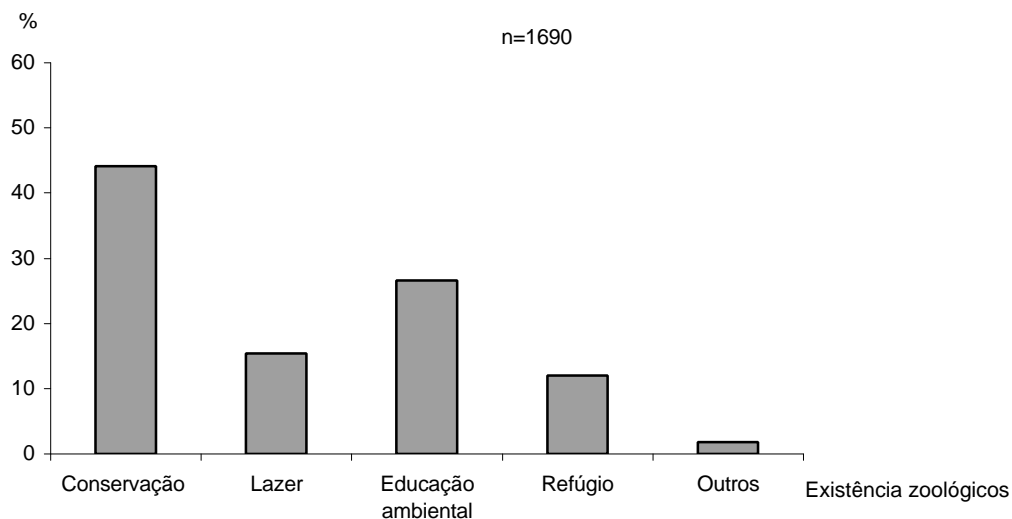


Figura 3. Qual o objetivo da existência dos zoológicos para os visitantes, dados agrupados das instituições.

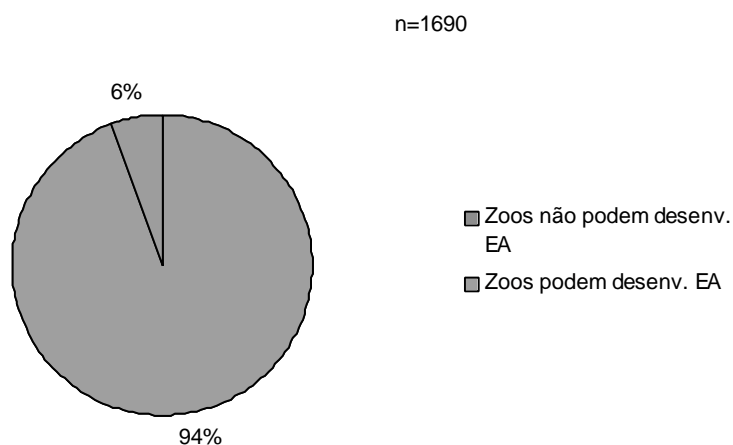


Figura 4. Os zoológicos são locais apropriados para desenvolver programas de educação ambiental.

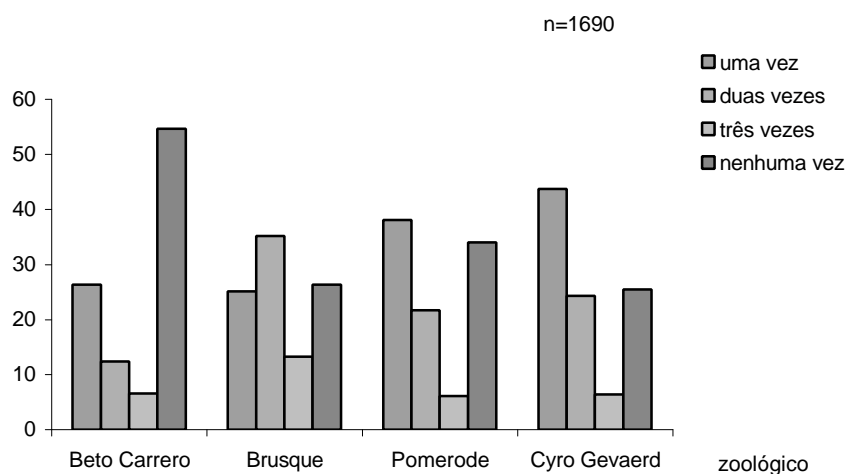


Figura 5. Frequência da citação de animais da fauna brasileira nos zoológicos BC, BR, PO e CG.

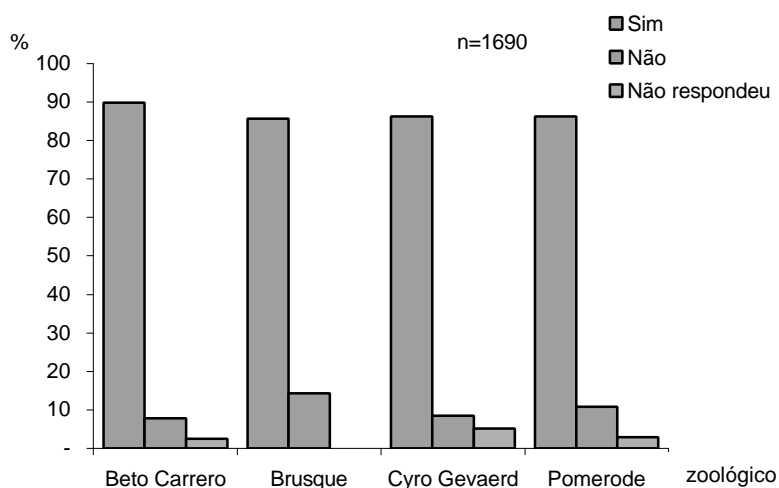


Figura 6. A extinção de uma espécie animal pode atingir o ser humano.

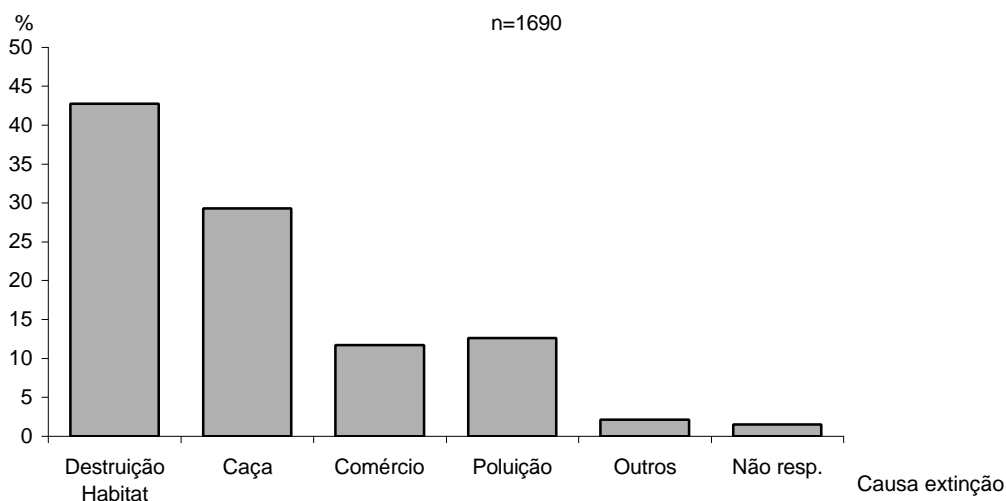


Figura 7. Quais as causas da extinção de animais. (Outros = introdução de espécies exóticas, melhoramento genético).